

ASPECTOS SOCIOECONÔMICOS E AMBIENTAIS DO AÇAIZEIRO NO ESTADO DO AMAPÁ

Ana Margarida Castro Euler
Embrapa Amapá.
ana.euler@embrapa.br

Introdução

O fruto de açaí é o principal produto da sociobiodiversidade e socioeconomia da Amazônia brasileira, com comprovado potencial para alavancar a bioeconomia - modelo de produção industrial baseado no uso de recursos biológicos (EMBRAPA, 2020). Segundo o IBGE (2020), no Amapá esse produto extrativo movimentou R\$6 milhões em 2019 (3.059 toneladas)¹, o que representa cerca de 1% da produção nacional. O valor da produção quase triplicou nos últimos dez anos (**Figura 1**). Porém esses números não refletem a importância desse ativo ambiental na vida da população. De acordo com pesquisa desenvolvida por Carvalho (2017), em 2010 o açaí movimentava cerca de meio bilhão de reais na economia do Amapá, considerando os setores primário, setor de comércio e exportação. Naquela época existiam, somente nos municípios de Macapá e Santana, cerca de 2000 estabelecimentos de processamento de açaí (batedeiras), hoje o número estimado é de 5000 estabelecimentos segundo informações não oficiais de representante do segmento. Se esse número estiver correto, estimamos que entre 25~30 mil pessoas estejam vinculadas a essa atividade econômica. A informalidade do setor é um problema recorrente dessa cadeia de valor, e é consenso entre os produtores e agentes envolvidos que os números oficiais subestimam sua importância.

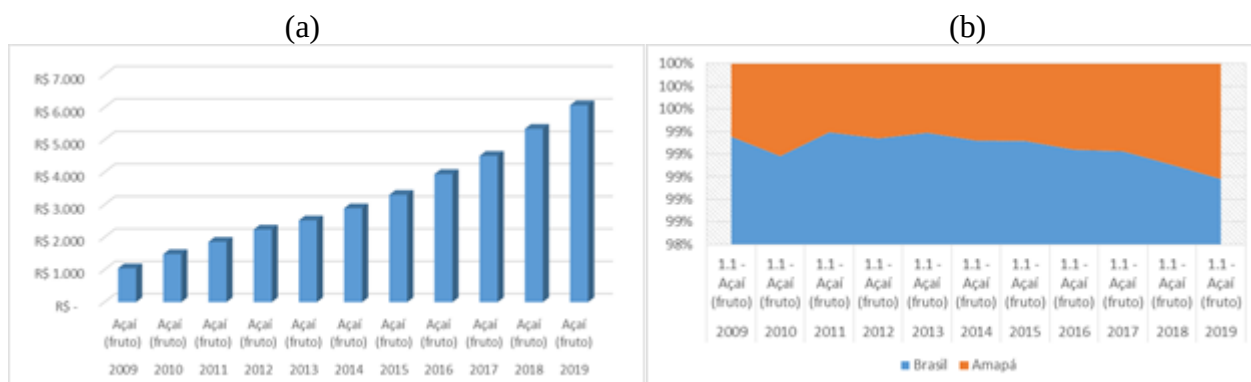


Figura 1. (a) Evolução do valor da produção do fruto de açaí no Amapá no período 2009-2019. (b) Evolução da participação do Amapá no valor total da produção do fruto de açaí no Brasil no período 2009-2019.

Fonte: IBGE, 2020.

Este artigo apresenta estudo de caso desenvolvido pela Embrapa Amapá a partir de pesquisa participativa com a comunidade Arraiol do Bailique iniciada em 2015. Essa comunidade habita o Território do Bailique, região composta de ilhas fluviais e área costeira próxima a foz do rio Amazonas. O ambiente natural é marcado por uma rede de rios, igarapé e furos que desaguam no canal norte do rio Amazonas, formando extensas áreas de florestas de várzea, manguezais e campos inundados. São cerca de 51 comunidades ribeirinhas, em sua maioria formadas a partir de laços de parentesco, que se organizam em torno de sua religiosidade e de atividades produtivas como a pesca e a coleta do fruto de açaí. O Bailique é um Distrito de Macapá e a Vila Progresso é o seu centro administrativo onde se encontram as representações de governo e o comércio. O acesso é feito somente via fluvial e não há transporte público. Os indicadores de desenvolvimento humano (IDH) estão abaixo da média do município (0,778) (PNUD, 2020) devido a carência (ou

¹De acordo com os dados do Censo Agropecuário 2017, esses valores são consideravelmente maiores, sendo eles 19.062 toneladas de fruto e açaí produzidos e R\$32.693,00 gerados a partir da venda dessa produção.

inexistência) de serviços públicos essenciais (saneamento, abastecimento de água, coleta de lixo, saúde, educação, eletricidade, segurança pública, etc).

Essa é uma das principais regiões produtoras de frutos de açaí do Amapá, sendo que parte da produção é vendida para o estado vizinho Pará. O isolamento geográfico é um enorme desafio para o escoamento da produção e valorização dos produtos da agricultura familiar. Por essa razão, em 2014 as comunidades se reuniram em torno da elaboração de seu protocolo comunitário - um mecanismo de empoderamento social e econômico, definiram o açaí como principal cadeia produtiva, criaram a cooperativa AmazonBai e alcançaram a certificação florestal e de cadeia de custódia recebendo o selo FSC (sigla em inglês para Conselho de Manejo Florestal) (KARST et al., 2016).

Porém, estudos desenvolvidos por Euler e outros (2019) na comunidade Arraiol do Bailique demonstraram que para além do açaí essas comunidades possuem uma cultura alimentar e produtiva alicerçada em sistemas altamente agrobiodiversos, e o reconhecimento e transmissão desses saberes têm enorme importância como estratégia de segurança e soberania alimentar das famílias. Além disso, a dependência da economia do açaí, que chega a representar 90% da renda de famílias extrativistas do estuário amazônico (RAMOS; EULER, 2019) pode vir a se tornar um risco social devido a constante flutuação de preço desse produto, as incertezas de mercado ou mesmo a substituição da produção extrativista por monoculturas.

A comunidade elaborou um mapeamento participativo de seu território e um calendário produtivo identificando as inúmeras espécies agrícolas (38), florestais (37) e medicinais (47) cultivadas e manejadas tradicionalmente. O sistema agroflorestal que combina o roçado, o manejo de açaizais nativos, a pesca, a bubalinocultura e a produção de mel foi reconhecido nacionalmente entre as boas práticas ligadas à salvaguarda e conservação dinâmica de bens culturais e imateriais associados a agrobiodiversidade no Brasil (BNDES, 2018; EULER et al., 2019).

O manejo de abelhas com ferrão para produção de mel foi inserido com parte desse sistema agrícola tradicional (SAT) a partir de 2004. Para apresentar e discutir a importância dessa atividade e os seus desafios atuais, entrevistamos o produtor José Cordeiro, com o uso do aplicativo Whatsapp, no dia 29/10/2020. A seguir transcrevemos o conteúdo da entrevista, em formato de narrativa, onde ele apresenta seu conhecimento e dilemas a partir de perspectiva histórica, e ao final desafia os especialistas a apoiarem o desenvolvimento de um projeto estruturante para a cadeia de valor do mel, com enorme importância socioeconômica e ambiental, porém que demanda incentivos do Estado.



Figura 2. Inflorescência de açaizeiro sendo visitada por abelha melífera e uma mosca.
Fonte: Silas Mochiutti, 2018.

“Vou explicar o que a gente tem vivido no trabalho com a apicultura nos últimos anos. As abelhas são uma das principais polinizadoras aqui na nossa região, pela quantidade que um enxame tem. Para nós que trabalhamos com a produção do açaí, está totalmente ligado, pelo menos é o que a gente entende porque nós temos na comunidade uma das maiores produções de açaí, e entendemos que está ligado ao trabalho de polinização que elas fazem. Trabalhamos com um produto orgânico, 100% natural, e também de uma forma saudável, contribuindo com a natureza, através da polinização (como já mencionado), também não trabalhamos com nenhum tipo de agrotóxico nem qualquer produto químico, então isso faz com que a nossa produção, além da contribuição com a renda familiar, esteja em equilíbrio com o meio ambiente. O objetivo principal do manejo de abelhas é contribuir com a nossa renda, fazer com que tenhamos uma melhor qualidade de vida, e isso tem nos ajudado.

O serviço com as abelhas é dividido em duas etapas. A primeira etapa é o período da entressafra, durante o inverno, quando a gente não está trabalhando diretamente com a produção de mel. É um serviço mais delicado pois a gente precisa ter muito cuidado, pois são muitos os invasores, as pragas que podem estar colocando em risco a produção, e a gente perde muitos enxames nesse período. Então é um trabalho que requer muita atenção e cuidado.

No período da internada a gente tem muito cuidado para que não tenha invasão de pragas, toda semana tem que estar olhando as caixas. Os cuidados são limpeza, redução de ovado, aplicação de óleo queimado no suporte da caixa para que os bichos não possam estar subindo. Não deixar que folhas velhas de açaí caiam sobre as caixas e façam ligação com o terreno, pois pode facilitar a entrada das pragas.

A outra etapa é durante o período da produção, que é no verão. O serviço de coleta mesmo, depois de aparelhar todas as caixas nos meses de maio e junho, colocando melgueira, fazendo coleta de enxames, aí a gente passa a ter o trabalho de coleta de mel mesmo, a gente faz isso de 15 em 15 dias, duas vezes por mês a gente faz as coletas. No verão não há problema com ataque de pragas, mas é importante as boas práticas (os cuidados) para a produção. Checar se as caixas estão precisando reduzir o ovado, se tem furo ou entrada de ar nas caixas que podem facilitar a entrada de insetos. Especial atenção para ver se as rainhas não estão subindo para colocar crias nas melgueiras. São serviços que fazemos uma vez por semana.

As maiores ameaças são no período da internada, tem o tracoá, que é uma das maiores ameaças, pois ele ataca e dentro de pouco tempo consegue eliminar um enxame, mesmo se o enxame for grande e forte, mas eles expulsam da caixa e tomam conta. Tem uma borboletinha que põe uma larva também que é muito perigosa, pois a larva acaba com os enxames. Essas são algumas das ameaças. A gente tem trabalhado com algumas iscas, nós colocamos ao lado da caixa, bem próximo a entrada das abelhas, um recipiente de plástico com um furo pequeno, uma abertura, e coloca um vinagre ou alguma coisa que tem um cheiro forte e que atraia esses bichos, ao invés de entrar na caixa eles acabam sendo atraídos pela armadilha. São essas as maiores ameaças, tirando a chuva mesmo, pois quanto tem muita chuva, essas internadas muito fortes, a gente acaba perdendo muito enxame. Porém, nos últimos anos, a gente está tendo uma queda muito grande mesmo na produção. Já conversamos com algumas pessoas, mas ainda não conseguimos justificar o que está acontecendo. Uma das situações é a perda de enxames, eles saem de forma repentina, sem deixar vestígio e aparentemente sem motivo. As caixas ficam limpinhas, sem ataque de nada. Isso tem tido um grande impacto na quantidade do que a gente produz. Esse ano nós praticamente não vamos ter produção. Por exemplo, esse mês de outubro era para a gente estar com mais de uma tonelada de mel armazenado, e nós não temos nem um litro. Não chegamos a 100 litros de mel esse ano, e não vamos coletar praticamente nada, nossos enxames estão totalmente enfraquecidos, a gente não vê movimento de abelhas, a gente abre as caixas estão totalmente frias, com produção muito baixa. O pouquinho que a gente tem coletado não dá para distribuir aqui mesmo no Bailique. Se a gente coleta em um dia no outro já não tem mais, e isso tem preocupado a gente, pois não estamos sabendo o que fazer para resolver esse problema. Falta de florada não é, pois, o açaí está estourando uma época dessas, muito açaí jogando flor, muito

taperebá jogando flor, muita ucuúba jogando flor, então a grande maioria das plantas, de acordo com o calendário que fizemos no projeto de sementes (Semear) é o período do pracaxi, andiroba, várias dessas espécies a gente tem em abundância na região estão cheias de flor, então não é falta de florada.

A nossa produção, desde 2004 quando a gente iniciou os trabalhos, a gente vinha tendo um aumento bem aceitável, isso quer dizer que a produção de mel respondia ao planejamento do número de caixas. Chegamos a produzir duas toneladas (2 T), isso há três, quatro anos atrás, trabalhando com uma faixa de 35 caixas e colmeias e com muita facilidade.

Sobre a criação de abelhas sem ferrão, hoje praticamente ninguém tem criação de abelhas sem ferrão aqui. Estou pensando em começar de novo aqui em casa, pois já tenho estrutura para colocar umas caixas bem protegidas dessa umidade, mas o certo é que não foi para frente mesmo. Na região, o projeto do protocolo comunitário chegou a instalar próximo de 200 caixas, mas hoje ninguém tem nada. Já tiveram três técnicos aqui, um com grande experiência e criador de uma grande quantidade de abelhas, e não conseguimos identificar o problema. Ele acha que é devido a umidade ser muito intensa no período do inverno, e para isso teria que fazer um trabalho bem mais protegido, para que não houvesse umidade, para que elas (as abelhas) não esfriassem.

Eu espero que essa entrevista possa provocar nos especialistas e estudantes a discussão sobre a importância do apoio técnico. Pois a extensão rural é praticamente inexistente, há vários anos nas comunidades, nos interiores. A apicultura, nem lembro quando tivemos um técnico para fazer algum serviço, tirar alguma dúvida, fazem muitos e muitos anos mesmo. Então é uma boa provocar dentro da JOBOECO um olhar para essa proposta, quem sabe não sairá daí um projeto em que se pudesse dar apoio aos produtores que estão espalhados em todo o estado? Temos o nosso serviço e um pouco de experiência para colocar a disposição.”

Agradecimentos

À comunidade Arraiol do Bailique pela parceria, acolhimento, compartilhamento de conhecimentos, confiança, constante busca por soluções sustentáveis, justas, defesa do território e das pessoas. Em especial ao José Cordeiro, por colaborar com esse trabalho. Historicamente não poderia deixar de agradecer a Associação das Comunidades Tradicionais do Bailique – ACTB, ao Ministério do Meio Ambiente pela parceria e recursos que permitiram a implementação do projeto Semear. Finalmente ao Bndes/Fundo Amazônia, que atualmente apoia financeiramente a implementação do projeto Manejo Florestal e Extrativismo: criando referências para o desenvolvimento territorial na Amazônia.

Referências

BNDES, 2018. Prêmio BNDES de Boas Práticas para Sistemas Agrícolas Tradicionais - 1º Edição. Disponível em: <https://www.bndes.gov.br/wps/portal/site/home/onde-atuamos/social/premio-bndes-boas-praticas-sistemas-agricolas-tradicionais-1-edicao>. Acesso em: 02/11/2020.

CARVALHO, A. C. A. de; COSTA, F. de A.; SEGOVIA, J. F. O., 2017. **Caracterização e análise econômica do Arranjo Produtivo Local do açaí nativo no Estado do Amapá**. In: OLIVEIRA, C. W. de A.; COSTA, J. A. V.; FIGUEIREDO, G. M.; MOARES, A. R. de; CARNEIRO, R. B.; SILVA, I. B. da (Org.). **Arranjos produtivos locais e desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Ipea, 2017. cap. 7. p. 109-128.

Comunidades do Bailique (2014). **Protocolo do Bailique: conhecer para proteger**. Comitê Gestor do Protocolo Comunitário do Bailique e Rede GTA.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Bioeconomia: a ciência do futuro no presente**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/tema-bioeconomia/sobre-o-tema>. Acesso em: 30/10/2020.

EULER, A. M. C.; AMORIM, J. R. G.; SALIM, A. C. F.; LIRA-GUEDES, A. C., 2019. **Paisagem, territorialidade e conhecimento tradicional associado à agrobiodiversidade em comunidades da Amazônia: o caso da comunidade Arraiol do Bailique, Amapá**. (Embrapa Amapá. Documentos, 103). Macapá: Embrapa Amapá, 2019.32 p.

EULER, A. M. C.; FRANCO, D. O.; GUABIRABA, I. R.; SANTOS, T. T. L. dos; LOPES, D. M.; LOPES, J. C. dos S., 2019. **Açaí - do roçado à floresta: a história do sistema agroflorestal da Comunidade do Arraiol do Bailique, AP**. In: ALMEIDA, J. S. S. E.; UDRY, M. C. F. V. (Ed.). **Sistemas agrícolas tradicionais no Brasil**. Brasília, DF: Embrapa, 2019. p. 239-258

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Tabela 289 - Quantidade produzida e valor da produção na extração vegetal, por tipo de produto extrativo.** Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/289#resultado> Acesso em: 30/10/2020.

_____. Censo Agropecuário 2017. **Tabela 6949 - Número de estabelecimentos agropecuários com produtos da extração vegetal, Quantidade produzida na extração vegetal, Quantidade vendida de produtos da extração vegetal, Valor da produção na extração vegetal e Valor da venda de produtos da extração vegetal, por tipologia, produtos da extração vegetal, condição do produtor em relação às terras e grupos de atividade econômica.** Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6949> Acesso em: 30/10/2020

KARST, J.; IOZZI, L.F.; CASSAMASSIMO, R., 2016. Resumo público de avaliação de certificação do manejo florestal da Associação das Comunidades Tradicionais do Bailique –ACTB. IMAFLORA, 2016.

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2020. Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Disponível em: <https://atlasbrasil.org.br/consulta/planilha> Acesso em: 30/10/2020.

RAMOS, C. A.; EULER, A. M. C., 2019. Quarta baliza do agroextrativismo no estuário do rio Amazonas: da luta pela terra à consolidação da economia do açaí. Revista de Agricultura Familiar, v. 13 , n. 2, p. 253-274, jul./dez. 2019.